

Será que Deus perdoa como acreditam?

Recebemos um email contendo a seguinte observação:

"Percebo que vocês espíritas não tem conhecimento da graça de Deus, que nos redime de todos os pecados. Sugiro um estudo maior sobre o assunto antes de se aprofundar mais no seu discurso".

Isso foi colocado em função da nossa crença de que o "a cada um segundo suas obras" (Mt 16,27) que é o que prevalece como base da justiça divina.

Em nosso dia a dia, após um criminoso ser devidamente condenado, vemos as pessoas dizerem: "Fez tem que pagar", porquanto todos acham justa a sua condenação. O que nós estranhamos é que esse mesmo critério de justiça não aceitamos seja aplicados quando somos nós quem está no banco dos réus e o nosso juiz é Deus, pois, queremos que Ele, simplesmente, nos perdoe de nossas faltas. É o cúmulo da incoerência!

E seguindo a sugestão de que devemos aprofundar mais, fomos ver com maior cuidado o assunto; para isso analisaremos algumas passagens bíblicas.

Ex 23,7: "*Afaste-se da acusação falsa: não faça morrer o inocente e o justo, **nem absolva o culpado***".

Pr 17,15: "***Absolver o culpado e condenar o inocente são duas coisas que Javé detesta***".

Pr 24,24-25: "***O povo amaldiçoará quem absolver o culpado, e contra ele todos ficarão irritados. Os que fizerem justiça, porém, terão sucesso e serão abençoados***".

Se a ordem é não absolver o culpado, significa que devemos condená-lo; portanto, não cabe perdoá-lo, mas aplicar-lhe a devida penalidade, pois é isso que é fazer justiça; e, como dito, os que fazem isso terão sucesso e serão abençoados, enquanto que os que fazem ao contrário, absolvendo o culpado, desagradam a Deus, por fazer coisa que Ele detesta.

Ex 32,31-35: "*Então Moisés voltou para Javé, e disse: 'Este povo cometeu um pecado gravíssimo, fabricando um deus de ouro. Agora, porém, ou **perdoas o pecado deles ou me riscas do teu livro**'. Javé respondeu a Moisés: 'Riscarei do meu livro todo aquele que pecou contra mim. Agora vá e conduza o povo para onde eu lhe disse: meu anjo irá na frente. Mas **quando chegar o dia das contas, eu punirei o pecado deles**'. E Javé castigou o povo por adorar o bezerro que Aarão tinha feito*".

Esse passo é importante para demonstrar que o perdão puro e simples não é coisa que cabe no âmbito da justiça divina, pois mesmo após o pedido de Moisés (e bem arrogante por sinal), ainda assim, Deus castigou o povo por ter adorado o bezerro de ouro. O fato de Deus não ter perdoado significa que a corrigenda é necessária para o nosso aprendizado, já que ela provocará em nós a mudança de comportamento, coisa que nem sempre o perdão consegue fazer.

2Sm 12,13-14: "*Davi disse a Natã: 'Pequei contra Javé'. Então Natã disse a Davi: 'Javé **perdoou o seu pecado**. Você não morrerá. Mas, por ter ultrajado a Javé, com seu comportamento, **o filho que você teve morrerá***".

O pecado de Davi não foi por ter colocado Urias, o heteu, na frente da batalha para que morresse, objetivando ficar com a mulher dele, mas porque ela era de um povo pagão ao qual os hebreus estavam proibidos de tomar suas mulheres.

Mesmo sendo "perdoado" Davi foi punido com a morte de seu filho; portanto, podemos ver que não foi o perdão puro e simples. Podemos entender o perdão de Deus com esse exemplo: temos uma dívida com um banqueiro, a qual ainda não pagamos; o certo e justo é que devemos pagar-lhe o dinheiro tomado de empréstimo, o perdão dele é dado em relevar a nossa falta de compromisso e se for muito misericordioso, poderá até estendê-lo em eximir-

nos do pagamento da multa de mora e/ou dos juros.

Considerando que "Os pais não serão mortos pela culpa dos filhos, nem os filhos pela culpa dos pais. Cada um será executado por causa de seu próprio pecado" (Dt 24,16), devemos ver a morte do filho de Davi como consequência do próprio "pecado" do filho numa outra existência anterior. Assim, ambos, pai e filho, estavam compromissados com a justiça divina e, portanto cada um teria que pagar à sua maneira: Davi, pela morte do filho espúrio; e esse filho pela sua conduta em outra existência.

2Sm 24,10-15: "No entanto, Davi ficou preocupado por ter recenseado o povo, e disse a Javé: **'Cometi um grande pecado!** Javé, perdoa essa maldade do teu servo, pois cometi uma grande loucura!' Quando Davi se levantou de manhã, Javé havia transmitido esta mensagem ao profeta Gad, vidente de Davi: 'Vá e fale a Davi: Assim diz Javé: **Proponho a você três coisas; escolha uma, e eu a executarei**'. Gad foi até o rei e o informou: 'Você prefere três anos de fome no seu país; fugir três meses de seu inimigo que o perseguirá; ou três dias de peste para o seu país? Pense e decida o que devo responder àquele que me enviou'. Davi respondeu a Gad: 'Estou numa grande angústia! Em todo caso, **acho melhor cair nas mãos de Javé, pois a misericórdia dele é grande, do que cair na mão dos homens**'. **Então Javé enviou a peste sobre Israel, desde essa manhã até o dia marcado. De Dã até Bersabeia, morreram setenta mil homens do povo**".

Novamente Davi não foi perdoado, Deus deu-lhe três alternativas para que escolhesse uma delas, visando reparar seu erro. Aqui, também, como da vez anterior, devemos entender que os que morreram da peste, enviada por Deus, tinham seus compromissos cármicos, pois não há outra forma de entendermos a justiça divina senão admitindo que todos os envolvidos tinham "culpa no cartório".

1Rs 8,32: "[...] Julga os teus servos: **condena o culpado, dando-lhe o que merece, e absolve o inocente, tratando-o conforme a justiça dele**".

Is 26,10: "**Se absolvemos o malvado, ele nunca aprende a justiça; sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé;**".

A condenação do culpado é pura questão de justiça, da mesma forma que a absolvição de um inocente. Temos que entender o castigo não como uma espécie de vingança contra o infrator da lei, mas apenas como uma forma de fazê-lo entender o mal praticado, visando que, no futuro, não o faça mais; é, portanto, uma oportunidade de aprendizado. Dessa forma é fácil entendermos que "se absolvemos o malvado, ele nunca aprende a justiça".

1Rs 13,21-24: "Ele gritou ao homem de Deus que tinha vindo de Judá: 'Assim diz Javé: **Porque você transgrediu a ordem de Javé e não obedeceu ao mandamento que Javé seu Deus lhe ordenou, voltando para comer e beber neste lugar que ele havia proibido a você de comer e beber, o seu cadáver não entrará no túmulo de seus pais**'. Depois de ter comido e bebido, o velho profeta selou o jumento do profeta que ele tinha feito voltar, e este foi embora. No caminho, encontrou um leão que o matou. O cadáver dele ficou aí jogado no caminho, enquanto o jumento permaneceu parado de um lado do cadáver e o leão do outro lado. Alguns homens, que passaram por aí, viram o cadáver jogado no caminho e o leão ao lado do cadáver. Eles foram e contaram, na cidade onde morava o velho profeta, tudo o que tinham visto".

Pela simples atitude de comer e beber coisas que Javé havia proibido, o homem de Deus foi "castigado" com a morte. O que estranhemos é: por que algo tão simplório assim não foi perdoado, mas aplicada a pena máxima? "A cada um segundo suas obras" é a única resposta possível a essa questão.

1Rs 20,41-42: "Então o profeta tirou a atadura que tinha sobre os olhos e o rei de Israel percebeu que era um profeta. Então ele disse ao rei: 'Assim diz Javé: **Porque você deixou escapar o homem que eu tinha consagrado ao extermínio, você pagará com a própria vida a vida dele, e com o seu exército o exército dele**'".

Mais um "pecado" de desobediência com a aplicação da pena máxima. Vale o comentário anterior.

1Rs 21,17-22.27-29: "Então Javé dirigiu a palavra a Elias, o tesbita: 'Levante-se e

desça ao encontro de Acab, rei de Israel, que está em Samaria. Ele está na vinha de Nabot, aonde foi para tomar posse. Diga-lhe: Assim diz Javé: **Você matou, e ainda por cima está roubando?** Por isso, assim diz Javé: **No mesmo lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabot, lamberão também o seu**. Acab disse a Elias: 'Então, meu inimigo, você me surpreendeu?' Elias respondeu: 'Sim, eu surpreendi você. Pois você se deixou subornar para fazer o que Javé reprova. Por isso, farei cair sobre você a desgraça. **Vou deixá-lo sem descendência, vou exterminar todo israelita da sua família**, escravo ou livre que urina na parede. Farei com sua casa como fiz com a casa de Jeroboão, filho de Nabat, e com a casa de Baasa, filho de Aías, porque você provocou a minha ira e fez Israel pecar'. Quando Acab ouviu essas palavras, rasgou as roupas, vestiu-se com pano de saco e fez jejum. Dormia vestido de pano de saco e andava abatido. Então Javé dirigiu a palavra a Elias, o tesbita: 'Você viu como Acab se humilhou diante de mim? **Por se ter humilhado diante de mim, eu não o castigarei durante a sua vida; mas castigarei a sua família no tempo do seu filho**'".

O erro de Acab foi ter cultuado ídolos pagãos, fato que provocou a ira de Javé, que resolve castigá-lo. Mesmo reconhecendo seu erro e ter implorado perdão a Javé, só conseguiu adiar o castigo, para outra época, através da família de seu filho. O registro disso encontra-se neste passo:

2Rs 10,10-11.17: "*Pois fiquem sabendo que não ficará sem se cumprir nenhuma palavra que Javé pronunciou contra a família de Acab. Javé realizou o que havia dito por meio do seu servo Elias*'. E Jeú matou também todos os que restavam da família de Acab em Jezrael: notáveis, parentes e sacerdotes. Não sobrou nenhum. Ao entrar em Samaria, mandou matar todos os sobreviventes da família de Acab que estavam em Samaria. Exterminou toda a família de Acab, como Javé tinha dito a Elias".

Promessa cumprida; eliminou-se toda a família de Acab.

Is 61,8: "De fato, eu, Javé, que **amo o direito e detesto o roubo e a injustiça**, eu lhes darei a sua recompensa e estabelecerei com eles uma aliança eterna".

O perdão puro e simples, à moda dos que querem a coisa "de graça", não se coaduna com nenhum princípio do Direito, coisa que Javé ama; mas, jamais com injustiça, já que Javé a detesta.

Ez 24,13-14: "A devassidão é a sua sujeira; **eu quis purificar você**, mas você não se deixou purificar. Por isso, você não será purificada de sua sujeira enquanto eu não derramar sobre você a minha ira. Eu, Javé, o digo, e assim acontece. **Não deixo por menos, não me compadeço, nem me arrependo. Eu julgarei você conforme a sua conduta e as suas más ações** – oráculo do Senhor Javé".

O julgamento conforme as ações praticadas e a consequente penalidade é que deve ser a base da justiça; perdão é corromper o infrator, coisa completamente "sem graça", nada mais que isso. E da afirmativa de que "eu quis purificar você" dá para se concluir que não há perdão, da forma com o imaginam.

Na 1,3: "**Javé é lento para a ira e muito poderoso, mas não deixa ninguém sem castigo**. Borrasca e tempestade fazem o caminho dele; as nuvens são a poeira de seus passos".

Não precisamos encontrar afirmação mais contundente que essa: "Javé não deixa ninguém sem castigo"; mais claro que isso não seria necessário; porém, ainda temos: "Porque Javé corrige aqueles que ama, como o pai corrige o filho preferido" (Pr 3,12). É o tiro de misericórdia que foi dado.

Pr 24,12: "Você pode dizer que não tem nada com isso, mas **Deus pesa os corações e tomará conhecimento**. Aquele que vigia sobre a sua vida sabe de tudo, e **pagará a cada um conforme as obras que tiver feito**".

Reafirmando a questão do pagamento, nessa passagem é dito que Deus pesa os corações. Se o perdão fosse algo que Ele desse, não haveria sentido nessa afirmação.

Sb 12,2: "Por isso, **castigas com brandura os que erram**. Tu os admoestas,

fazendo-os lembrar os pecados que cometeram, para que, **afastando-se da maldade, acreditem em ti, Senhor**".

Sb 12,10: "Mas **tu os castigaste pouco a pouco**, dando-lhes oportunidade de se arrependerem, embora não ignorasses que vinham de uma raça perversa, que **a maldade deles era inata e que nunca mudariam de mentalidade**".

Sb 12,20: "**Puniste os inimigos de teus filhos com grande brandura e indulgência**, dando-lhes tempo e ocasião **para se converterem de sua maldade, quando na verdade eram réus de morte**".

Eis aqui três casos nos quais foram aplicados castigos e não o propalado perdão, que mais conduz o crente ao descompromisso com as leis divinas, uma vez que o incita a acreditar piamente que não terá que pagar por nada que fizera de errado, pois leva-o a aceitar que a simples graça de Deus o livrará do débito contraído perante Suas leis.

Eclo 16,11: "Mesmo que houvesse um só homem obstinado, **seria estranho se ficasse sem castigo**".

Na mosca! É realmente estranho que o infrator fique sem o merecido castigo para obter "de graça" o perdão do tipo: nada a pagar...

Eclo 18,12-14: "A misericórdia do homem é para o seu próximo, porém a misericórdia do Senhor é para todos os seres vivos. **Ele repreende, corrige, ensina e dirige**, como o pastor conduz o seu rebanho. **Ele tem compaixão dos que aceitam a correção**, e dos que se esforçam para lhe cumprir os mandamentos".

Onde cabe o perdão nesse passo? Falta-nos, conforme dito, visão ampliada da justiça divina? Ou ao contrário, ela só falta aos adeptos do é tudo "de graça"?

Eclo 28,1-7: "Quem se vingará sofrerá a vingança do Senhor, que severamente lhe pedirá contas de seus pecados. Perdoe a injustiça que o seu próximo cometeu e, quando você pedir, Deus também perdoará os pecados que você tiver cometido. Se um homem guarda rancor contra outro, como poderá pedir que Deus o cure? Se não usa de misericórdia para com o seu semelhante, como se atreve a pedir perdão de seus próprios pecados? Se ele, que é carne, guarda rancor, quem perdoará os seus pecados? Lembre-se do seu fim, e pare de odiar. Lembre-se da corrupção e da morte, e persevere nos mandamentos. Lembre-se dos mandamentos, e não guarde rancor contra o seu próximo. Lembre-se da aliança com o Altíssimo, e não leve em conta a ofensa que fizeram a você".

Aqui temos a máxima que Jesus nos apresentou: "Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles" (Mt 7,12), para não sofrermos o rigor da Lei, mas sim sermos tratados com brandura e misericórdia. O importante para Deus é a nossa ação para com o próximo, pois é nela que demonstramos que realmente O amamos:

Is 58,6-7: "**O jejum que eu quero é este: acabar com as prisões injustas, desfazer as correntes do jugo, pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar qualquer jugo; repartir a comida com quem passa fome, hospedar em sua casa os pobres sem abrigo, vestir aquele que se encontra nu, e não se fechar à sua própria gente**".

Aqui vemos que as nossas ações, para com o próximo, são o meio que temos de atender a vontade de Deus. E é por ela que "sem perdão" todos nós seremos julgados. Na parábola do juízo final, na qual são separadas as ovelhas dos cabritos (Mt 25,31-46), vemos que o critério para ir para a direita ou para a esquerda decorreu das ações praticadas a favor do próximo, não houve perdão aos insensíveis que não alimentaram os que tinham fome, que não vestiram aos que estavam nus, que não deram água para os que tinham sede, etc. Aliás, se há perdão, não tem a mínima necessidade de julgamento.

Qualquer passagem ou interpretação que foge ao critério até aqui exposto deve ser analisado com cuidado para não colocar em contradição esta afirmativa: "Eu sou Javé, e não mudo" (Ml 3,6). O perdão divino deve ser entendido com o significado de desculpar ou relevar, mas nunca como se a dívida estivesse paga, porque, na verdade, não foi. Podemos também, entender como perdão a oportunidade que Deus dá a cada um de nós em poder reparar os erros cometidos e corrigir os procedimentos que tenham prejudicado nossos semelhantes.

Mt 9,1-8: "Jesus subiu numa barca, passou para a outra margem e chegou à sua cidade. Nisso, levaram a ele **um paralítico deitado numa cama**. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: 'Coragem, filho! **Os seus pecados estão perdoados**'. Então alguns doutores da Lei pensaram: 'Esse homem está blasfemando!' Mas Jesus, conhecendo os pensamentos deles, disse: 'Por que é que vocês pensam coisas más? O que é mais fácil dizer: 'Os seus pecados estão perdoados'; ou dizer: 'Levante-se e ande'? **Pois bem, para que vocês saibam que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados – então disse Jesus ao paralítico: Levante-se, pegue a sua cama e vá para a sua casa**'. O paralítico então se levantou, e foi para a sua casa. Vendo isso, a multidão ficou com medo e louvou a Deus, por ter dado tal poder aos homens". (ver tb Mc 2,1-12; Lc 5,17-26).

Interessante é que Jesus não perdoou ninguém que estivesse à morte para lhe dar o "céu" como recompensa, mas apenas um paralítico. Ora, isso é importante, pois na conhecida parábola do rico e Lázaro (Lc 16,19-31), o primeiro teve como o destino o "seio de Abraão" não por ter sido perdoado, porém como resultado de suas ações em vida.

No caso desse paralítico fica claro, para nós, que o perdão está diretamente relacionado a cura física; em outras palavras, o carma dele já estava cumprido, portanto, não precisava mais ser "castigado" por algo que havia sido pago naquele exato momento; foi por isso que Jesus sentiu que ele merecia ser curado da paralisia que o prendia a uma cama.

Usamos a palavra carma, por ser a de uso comum; entretanto, o correto seria dizer "Lei de causa e efeito", que é assim definida:

É uma lei criada por Deus e que dispõe que o homem tem o livre-arbítrio para agir, mas responde pelas consequências de suas ações. O que fazemos de mal e de bem retornará para nós nessa mesma vida ou em existências posteriores. A vida futura reserva aos homens penas e gozos compatíveis com o procedimento de respeito ou não à Lei de Deus¹.

Ela pode ser vista nestes passos:

Jó 4,8: "[...] os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem".

Mt 16,27: "[...] retribuirá a cada um de acordo com a própria conduta".

Mt 26,52: "[...] todos os que usam a espada pela espada morrerão".

Jo 8,34: "[...] quem comete o pecado, é escravo do pecado".

Gl 6,7: "[...] cada um colherá aquilo que tiver semeado".

Trata-se da base do princípio universal de justiça, comum a todos os povos, por isso o encontramos nos ensinamentos bíblicos.

Lc 7,36-50: "Certo fariseu convidou Jesus para uma refeição em casa. Jesus entrou na casa do fariseu, e se pôs à mesa. Apareceu então **certa mulher, conhecida na cidade como pecadora**. Ela, sabendo que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, levou um frasco de alabastro com perfume. A mulher se colocou por trás, chorando aos pés de Jesus; com as lágrimas começou a banhar-lhe os pés. Em seguida, os enxugava com os cabelos, cobria-os de beijos, e os ungiu com perfume. Vendo isso, o fariseu que havia convidado Jesus ficou pensando: 'Se esse homem fosse mesmo um profeta, saberia que tipo de mulher está tocando nele, porque ela é pecadora'. Jesus disse então ao fariseu: 'Simão, tenho uma coisa para dizer a você'. Simão respondeu: 'Fala, mestre'. 'Certo credor tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentas moedas de prata, e o outro lhe devia cinquenta. Como não tivessem com que pagar, o homem perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?' Simão respondeu: 'Acho que é aquele a quem ele perdoou mais'. Jesus lhe disse: 'Você julgou certo'. Então Jesus voltou-se para a mulher e disse a Simão: 'Está vendo esta mulher? Quando entrei em sua casa, você não me ofereceu água para lavar os pés; ela, porém, banhou meus pés com lágrimas, e os enxugou com os cabelos. Você não me deu o beijo de saudação; ela, porém, desde que entrei, não parou de beijar meus pés. Você não derramou óleo na minha cabeça; ela,

1 http://seal.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=123&Itemid=25, acesso em 26.05.2010, às 13:28hs.

*porém, ungiu meus pés com perfume. Por essa razão, eu declaro a você: **os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor.** Aquele a quem foi perdoado pouco, demonstra pouco amor'. E Jesus disse à mulher: 'Seus pecados estão perdoados'. Então os convidados começaram a pensar: 'Quem é esse que até perdoa pecados?' Mas Jesus disse à mulher: 'Sua fé salvou você. Vá em paz!'*

Provavelmente que o termo pecadora visa informar que a mulher era uma prostituta. É uma "profissão" que se encontra na mais remota antiguidade, algo bem comum a todas as sociedades; inclusive, em algumas havia as prostitutas sagradas - aquelas designadas para os rituais religiosos. Interessante é que só há prostitutas porque existem homens que as procuram, não é mesmo?

No passo podemos ver que os "pecados" dela foram perdoados porque muito amou, ou seja, uma relação direta com o sentimento de amor em ação como forma de quitar nossos equívocos, eliminando o nosso carma em relação ao pecado cometido. Não foi sem razão que Pedro disse: "o amor cobre uma multidão de pecados" (1Pe 4,8).

E, por fim, temos essa última passagem:

Jo 20,23: "Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados".

Só em João é que encontramos essa fala; em nenhum dos outros evangelhos há isso. Assim, a temos como uma boa possibilidade de ter sido um acréscimo. Porém, caso não seja, não devemos ver nisso algo como prometendo o "céu" para alguém, porém, como o poder dado aos discípulos liberarem as pessoas do carma, uma vez que a eles foi também dado o poder de cura. Convém deixar claro que o "perdão" sempre será em relação ao pecado que deu origem ao fato objeto do perdão.

Então, diante de tudo que nós vimos não há a menor possibilidade de termos um perdão de "graça" apregoado por aí, numa autêntica apologia à lei no menor esforço, como que liberando as pessoas de se tornarem melhores tratando ao próximo como gostariam que os outros as tratassem. Aliás, é por falta de viver esse princípio que muitos ficam desprezando a opção religiosa dos outros.

E, respondendo agora o que colocamos no título diremos que Deus não perdoa. Sim, meu caro leitor, não estranhe, mas o fato é que Ele não perdoa, veja porque:

Jó 35,6-8: "**Se você pecar, que mal estará fazendo a Deus? Se você amontoa crimes, que danos está causando para ele? E se você é justo, o que é que está dando a ele? O que é que ele recebe de sua mão? Sua maldade só pode afetar outro homem igual a você. Sua justiça só atinge outro ser humano como você.**"

Está aí a razão pela qual o filósofo e escritor Huberto Rohden (1893-1981) ter dito que Deus é "inofendível".

Finalmente, devolvemos a sugestão ao autor do e-mail, estendendo-a aos que têm entendimento igual ao dele, em relação ao Espiritismo: sugerimos um estudo maior sobre ele, visando aprofundar mais seus conhecimentos, antes de elaborar algum discurso contra os seus fundamentos. Ou será que não a estudam por medo de serem abalados nas suas "convicções"?

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Maio/2010.